



José Cardoso Pires

Uma velha tinha um cágado

LÁ PORQUE se nasce cágado, senhora Idalina, não quer dizer que se venha a ser tartaruga.

Um cágado é um cágado e aquele com quem a senhora viveu durante tantos anos nesse cubículo arruinado do bairro de Santa Catarina se um dia voltar a casa vai-lhe aparecer talqualmente como dantes, um palmo de casca, não mais, e tão mudo como quando daí saiu. Igualzinho, essa lhe garanto eu.

Nisto de animais há regras que não perdoam, por mais que a gente se esforce em contrariar a natureza. De longe em longe, lá aparece um Salazar transformado em dinossauro, um cavaleiro tauromáquico que à hora da morte fica com cara de cavalo ou um cachorrinho tão de sala e tão lulu que, com o andar dos anos, está tão parecido com a dona que até custa a acreditar. Mas são casos raríssimos, pode crer. Nada que se compare com o cágado, que é uma criatura propositadamente anónima, carregada de silêncios e com muitas fidelidades a si mesma.

Veja, o bicho é tão respeitado e há tantos séculos que até um fidalgo chamado Zurara fala dele numa "Crónica dos Feitos da Guiné" e para elogiar a tartaruga trata-a por cágado, "cágado do mar", o que prova a consideração que este senhor do Paço tinha por ele. Depois, além de animal de companhia, tem segredos de saúde que os antigos da Medicina aplicavam com os melhores resultados. Segredos especialíssimos que passaram aos tratados dos doutores, sabia? Pois é verdade, vem nos livros. Sem ofensa para o seu cágado, nada melhor contra a lepra do que pô-lo em água e vinagre para um caldinho bem fervido, e para a cura da gota isso então era remédio santo: bastava

Senhora Idalina, escusa de se ralar a abrir mais fendas e a levantar o soalho, que o cágado a esta hora já vai longe. Entretanto há uma mão de Deus, no meio desta desgraça toda. A senhora por baixo duma tábua do sobrado encontrou um tesouro que não há cágado que pague, ou julga que estas coisas não acabam por se saber?

cortá-lo vivo no minguante da Lua e atar os pedaços da carne aos tornozelos do paciente, que passado algum tempo estava o caso resolvido.

Peço desculpa de falar nestas coisas porque sei a afeição que a senhora Idalina dedicava ao desaparecido, mas entendi que tinha obrigação de a pôr ao corrente das qualidades que ele tinha para além da companhia que lhe fez e que tantas saudades lhe deixou.

Às vezes, aí no Alto de Santa Catarina, ouço as crianças em dança de roda a cantarem no jardim

Uma velha tinha um cágado
uma velha tinha um cágado
e debaixo da cama o tinha.

A velha rezava
o cágado fugia
E a velha dizia:

Estou só, estou só

Estou só, meu Senhor, estou só
e nem a senhora calcula como me sinto abalado pela sua dor.

Perder assim um ente querido e ver-se fechada num pardieiro sem ninguém com quem conversar e que a proteja das baratas e do caruncho deve ser realmente muito triste. Coisas da vida, que se há-de fazer?

Mas também lhe digo, senhora Idalina, escusa de se ralar a abrir mais fendas e a levantar o soalho, que o cágado a esta hora já vai longe. A senho-

ra, com tantos mimos que lhe deu para o fazer crescer, é que talvez, sem dar por isso, o convenceu a tornar-se tartaruga, e ele, paciente e aventureiro como é próprio dos cágados, já vai a caminho do Tejo à procura de vida nova. Tem concha, sabe nadar, anda na água como em terra, afinal o que é que lhe falta para ser tartaruga?

Entretanto há um mistério, ou antes uma mão de Deus, no meio desta desgraça toda. A senhora por baixo duma tábua do sobrado encontrou um tesouro que não há cágado que pague, ou julga que estas coisas não acabam por se saber? Até lhe digo mais: encontrou-o dentro duma saquinha de couro apodrecido e, para sua espantação, tirou de lá um cordão de ouro velho de três voltas que lhe dá até à cintura, umas arrecadas que só pelo peso valem por não sei quantas tartarugas e uma caixa de rapé com uma esmeralda na tampa. Mentira? Pelo menos foi isto que a senhora foi vender ao ourives da Calçada do Combro onde, por fatalidade, trabalha o cunhado dum vizinho seu.

Está visto que a senhora Idalina, feita cágada, se calou muito bem caladinha e continua a levantar o soalho num desespero sem fim. Mas já não é o animalzinho que procura, isso foi tempo. A acreditar nas más línguas, o que a faz andar nesse reboição é a esperança de encontrar mais ouro debaixo dos pés.

A verdade, se quer que lhe diga, é que agora a senhora já nem parece a mesma. Palavra. A avareza e a desconfiança tomaram tal conta de si que está mirrada e seca e já não convive com ninguém. Vive muda e metida na casca como o cágado, é o que dizem em Santa Catarina. ●